

Ação para redução do analfabetismo digital em instituições sociais da mata sul de Pernambuco

Adriano Henrique de Melo França
IFPE - *Campus* Palmares
Palmares(PE), Brasil
[0000-0003-3679-3519](tel:0000-0003-3679-3519)

Valdir José da Silva
IFPE - *Campus* Palmares
Palmares(PE), Brasil
[0000-0002-7482-8551](tel:0000-0002-7482-8551)

Aline Ciane Gomes da Silva
IFPE - *Campus* Palmares
Palmares(PE), Brasil
[0000-0002-2031-9807](tel:0000-0002-2031-9807)

Rayanne Victoria Ramalho dos Santos
IFPE - *Campus* Palmares
Palmares(PE), Brasil
[0000-0002-9698-378X](tel:0000-0002-9698-378X)

Thiago Sousa dos Santos
IFPE - *Campus* Palmares
Palmares(PE), Brasil
[0000-0002-0743-3330](tel:0000-0002-0743-3330)

Jair Victor de Lima Assis
IFPE - *Campus* Palmares
Palmares(PE), Brasil
[0000-0002-0594-1083](tel:0000-0002-0594-1083)

Ricson José de Santana
IFPE - *Campus* Palmares
Palmares(PE), Brasil
[0000-0002-1309-3053](tel:0000-0002-1309-3053)

Abstract—Digital illiteracy has been a current and relevant issue among scholars due to the marked technological progress and the division created between those who know, and those who do not know how to use such technologies. Providing inclusive learning opportunities for the ones who are digitally excluded is urged. This work was a case study, aiming at planning, carrying out and assessing a basic computer course offered by a Federal Institute from Northeast Brazil, in partnership with non-governmental organizations and poor communities. The participants were from The Nova Jericó Therapeutic Community (fifteen sheltered) and from The Heleninha Home Shelter (eighteen sheltered), aged from 15 to 54 years-old. The classes were twice a week for two months. During the first two weeks of class, there was a high dropout rate by students under 18, the so-called “digital natives”. Only 17 out of 33 enrolled students passed in the course. The results showed a positive impact by the course on the students which may broaden their chances of accessing information and services. Thus, offering basic computer courses proved to be an effective mechanism of digital and social inclusion, mainly for the minorities from society.

Resumo—O analfabetismo digital tem sido tema presente em diversos debates, devido ao acentuado progresso tecnológico, e à divisão criada entre os que sabem, e os que não sabem utilizar tais tecnologias. É de extrema importância que as instituições ofereçam ações que possibilitem a inclusão e o preparo necessário, para utilização do computador por parte dos excluídos digitalmente. Dentre os objetivos relatados aqui destacam-se o planejamento, a execução e a avaliação de um curso de informática básica oferecido, em parceria com organizações não governamentais e comunidades carentes. O curso contou com a participação de 33 inscritos, sendo 15 vinculados à Comunidade Terapêutica Nova Jericó, e 18 do abrigo Casa Lar Heleninha. A idade variou entre 15 a 54 anos, e as aulas ocorreram duas vezes por semana, durante dois meses. No decorrer da realização do curso houve uma evasão elevada nas duas primeiras semanas de aula, principalmente por estudantes menores de 18 anos, chamados “nativos digitais”. Dos 33 estudantes inscritos, 17 permaneceram no curso até o fim e obtiveram a aprovação. O presente trabalho

traz os resultados obtidos durante um estudo de caso. Os participantes relataram que o curso impactou de maneira positiva, e que a experiência ampliou as possibilidades de acesso a informações e serviços. Com base nos resultados alcançados, a oferta do curso de informática básica demonstrou ser um excelente mecanismo de inclusão digital e social, principalmente aos que estão à margem da sociedade.

Palavras-chave—*analfabetismo digital; inclusão digital; projeto de extensão; informática básica.*

I. INTRODUÇÃO

A tecnologia apresenta grande influência no mundo contemporâneo. No contexto brasileiro, o analfabetismo digital é uma problemática recorrente. Medidas interventivas visam resolver essa questão, ao qual é agravada devido às diferenças socioeconômicas, e à falta de formação no âmbito educacional. Segundo os dados de pesquisa de 2019 sobre Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC) da Educação, 53% dos docentes, tanto da rede pública, quanto privada, relataram que a ausência de cursos específicos na área de informática, bem como conhecimentos anteriores, como o uso do computador, acesso a *internet*, e falta de conhecimento com ferramentas digitais, dificultam o ensino e a aprendizagem em aulas e no trabalho.

Com base no Índice de Gini de 2018, medida que classifica o grau de desigualdade em um país, o Brasil está enquadrado entre os dez países mais desiguais do mundo. Esses dados demonstram que uma parcela significativa da população não tem amplo acesso a tecnologia como hoje apresentada, muito menos familiaridade com as TICs, o que resulta em uma impossibilidade em se adaptar às novas demandas sociais, que encontramos nas ruas, nos meios de transporte, nos bancos, nos supermercados, nas repartições públicas, nos domicílios, nos mais diversos ambientes de trabalho. Dessa forma, o analfabetismo digital dificulta o acesso à informação sobre os serviços básicos e de direitos.

O historiador contemporâneo Chartier [1] em entrevista concedida à Revista Nova Escola, afirmou que a “nossa sociedade está vindo nascer um novo modelo de analfabetismo: o digital. Ele é marcado pela impossibilidade de usar um computador para ler, escrever ou realizar tarefas simples”.

É de extrema importância que as instituições, públicas ou privadas, ofereçam um conjunto de instrumentos que possibilitem a inclusão digital e preparo de diversos grupos sociais ao conhecimento básico necessário para utilizarem o computador, os possibilitando obter acesso às informações através da *internet*.

Segundo Cunha [2] a inclusão digital se refere à democratização das tecnologias da informação, com a intenção de garantir o acesso de todas as pessoas, independentemente da condição econômica. Portanto, há necessidade de ações para minimizar o analfabetismo digital, principalmente nas regiões mais desiguais, onde o governo, e as instituições sociais devam investir em regiões menos favorecidas economicamente, para proporcionar condições iguais de acesso aos meios tecnológicos.

Há políticas governamentais pontuais com essa finalidade, porém insuficientes para superar os desafios de acesso no país. Diante desse contexto se justificam e se legitimam práticas autogestionárias e comunitárias para o enfrentamento da exclusão digital.

Compete a todos desenvolver novos métodos e projetos de ensino, na busca da transformação da educação brasileira e, conseqüentemente, promover a alfabetização digital, a fim de modificar a colocação brasileira no exposto ao índice de Gini.

O Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) *Campus Palmares*, localizado na Mata Sul do estado de Pernambuco, é uma instituição que empreende esforços para inclusão digital a todos da região, e em seus projetos oferece cursos de extensão através do Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), promovendo ações e práticas de inclusão digital.

Palmares é uma cidade tradicional, que constituiu seu nome através do reconhecimento da rebelião dos escravos africanos entre 1630 e 1697, algumas comunidades, receberam o nome de Quilombo. Segundo a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros [3], é conhecida como “Terra dos Poetas” e popularmente como “Capital da Mata Sul”. Cidade muito importante na história do Estado de Pernambuco, e que originalmente traz consigo, grupos sociais que sofrem com a falta de recursos culturais, econômicos e conseqüentemente digitais, como o acesso ao computador.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) do estado de Pernambuco, apresentado pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) em 2008, identificou que a cidade de Palmares apresentou IDH de 0,6221, valor abaixo da média estadual que foi de 0,673.

Dessa forma, a criação de um curso de extensão destinado às comunidades da cidade de Palmares-PE, com foco na

inclusão digital, permitirá a capacitação de pessoas a utilizar as ferramentas computacionais básicas necessárias, e conseqüentemente, aproveitá-las no mercado de trabalho e na vida pessoal, além de viabilizar o acesso, aos meios de comunicação, propiciando uma melhor inclusão social.

Dentre os objetivos das diversas ações destacam-se a elaboração de materiais e cursos de informática básica, e a oferta de cursos em parceria com organizações não governamentais (ONGs) e comunidades carentes. Tendo como principal objetivo oferecer às pessoas acesso às novas tecnologias através de aulas práticas, acerca da utilização do computador, das ferramentas computacionais de escritórios e o acesso a internet.

O presente trabalho traz um relato da experiência obtida durante a formação da primeira turma do curso de extensão de informática básica.

Sendo assim, trata-se aqui, da visão de alguns autores sobre o processo de inclusão digital, a metodologia utilizada durante o planejamento das ações e execução prática do curso. Far-se-á ainda o levantamento das informações sobre os participantes do curso de informática básica, e detalhes sobre o conteúdo operacional, a forma de avaliação e uma breve discussão, acerca dos resultados alcançados. Em seguida encontram-se a avaliação do curso, pelos discentes e as considerações finais.

II. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Segundo dados do IBGE [4], o 1º trimestre de 2021 encerrou com o desemprego atingindo cerca de 15.257 mil pessoas no Brasil, e este é o maior número desde 2012. Os especialistas apontam que o despreparo e a falta de experiência são fatores que agravam o contingente de pessoas subutilizadas no mercado de trabalho [5].

A comunicação e o acesso às novas tecnologias são fundamentais na formação de pessoas, como ente social, segundo Cardoso [6]. Estas tecnologias possibilitam a formação de um conjunto de conhecimentos, técnicas e procedimentos, que permitem a construção do senso de pertencimento social e de capacidade técnica, bem como, inclusão no mercado de trabalho [5].

Hoje o uso constante dos aparelhos informatizados, traz consigo informações rápidas e interconectadas. Conforme descrito por Matos [7], esses avanços têm gerado a necessidade de desenvolver habilidades para lidar com essas novas tecnologias, que são cada vez mais avançadas. Esses rápidos avanços ocorrem, quase que inevitavelmente, através dos aparelhos eletrônicos, geralmente conectados à *internet*.

Por outro lado, pessoas de comunidades carentes, e de determinados grupos sociais, não possuem acesso a aparelhos eletrônicos, ou não aprenderam a lidar funcionalmente com eles. Moreira [8] cita que “a falta de acesso à rede de computadores, a falta de conhecimento da comunidade em geral, principalmente a carente, com relação aos avanços tecnológicos são problemas que devem ser superados”.

Segundo De Oliveira [9], não se trata apenas de aprender a ligar e desligar um computador, ou executar comandos repetidos, para acessar alguma página ou *site*. Trata-se da busca por soluções que resolvam de forma definitiva os prejuízos que pessoas menos favorecidas têm sofrido com a alienação digital, e o encarceramento de uma sociedade em plena transformação, que exige cada vez mais a interconectividade e o uso dos mais diversos equipamentos eletrônicos, principalmente os computadores e *smartphones* [10].

O artigo da empresa Rede Brasil Atual informa que a exclusão digital prejudica o acesso dos mais pobres ao auxílio emergencial, durante a pandemia do novo Coronavírus (COVID-19). Marca-se assim uma nova divisão social, entre aqueles que sabem, e os que não sabem acessar as informações digitais. Estes últimos são considerados analfabetos digitais.

Duran define que o termo analfabetismo digital corresponde ao “não domínio de operações básicas que envolvem o uso da linguagem digital a partir da qual operam as TICs” [11]. Em outras palavras o alfabetismo digital representa o aprender a lidar com as ferramentas do sistema para ligar a máquina, compreender o teclado, seus símbolos e a função de cada tecla, além de digitar as letras; operar com a tela, interagir com ícones, localizar programas e manusear o *mouse*.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) [12] em sua competência de número 5, conhecida como competência da cultura digital, demonstra a importância em desenvolver o quanto antes as habilidades necessárias para lidar com as TICs. Iniciativas como a abertura de centros de acesso público à *internet*, divulgação de materiais, cursos de informática básica e outras iniciativas, destinadas a minimizar a exclusão digital entre as comunidades de baixa renda, devem fazer parte das políticas públicas dos mais diversos setores da sociedade.

III. MÉTODOS

A experiência aqui apresentada foi desenvolvida através da submissão de um projeto de extensão ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX), edital 01/2021 do IFPE e contou com a participação de dois bolsistas, estudantes do curso técnico em rede de computadores do IFPE *campus* Palmares.

A bolsista 1 foi a responsável por lançar o edital do curso de informática básica, organizar os documentos, preencher formulários para registro e controle dos participantes, e elaborar o material didático no formato de apostila.

O bolsista 2 foi responsável por elaborar atividades, auxiliar dois professores na execução das tarefas e preparo das aulas, prestando tutoria à turma.

Antes do lançamento do edital de inscrição do curso, alguns dos líderes de ONGs da comunidade foram contactados, para compreensão das demandas existentes e alinhamento das escolhas dos estudantes, a fim de compor a primeira turma de informática básica.

Durante os diálogos iniciais se lançou a oferta de 30 vagas para a primeira turma do curso de informática básica, sendo 15 destinadas a uma Comunidade Terapêutica, e 15 destinadas a uma casa abrigo de crianças e adolescentes, que estão em situação de vulnerabilidade social. As duas instituições estão localizadas na cidade de Palmares/PE, porém recebem pessoas de outras cidades.

Os responsáveis por cada instituição organizaram as documentações, e repassaram para a bolsista 1 do projeto, que organizou e registrou em planilha as informações básicas dos estudantes interessados, e criou a lista de frequências e avaliações.

Durante o período de inscrição, os integrantes do projeto, se reuniram para definir as melhores formas para atender as demandas levantadas, considerando o público alvo.

Com essas informações foi possível preparar e adaptar os materiais de ensino para a formação da primeira turma do curso de informática básica, com duração de 2 meses, sendo 2 aulas por semana, com carga horária total de 54 horas. O conteúdo programado contou com os seguintes assuntos:

- Introdução (Apresentação de um computador pessoal (*Personal Computer* - PC); como ligar e desligar um PC);
- Informática básica (Digitação, manuseio de pastas e arquivos, *Windows explorer* e ferramentas básicas do *windows*);
- Definições de componentes básicos com PC;
- *Internet* e navegação segura;
- Editor de texto;
- Planilha eletrônica;
- Apresentação de *Slides*.

Os materiais didáticos desenvolvidos durante o projeto foram disponibilizados de forma digital, e impressos no formato de apostila, permitindo o acesso ao conteúdo sempre que necessário. As atividades foram desenvolvidas buscando a relação indissociável entre teoria e prática, visando desenvolver a aprendizagem, para a metodologia de apresentação e resolução de situações e problemas relacionados ao tema. Durante o processo foram desenvolvidas pesquisas dirigidas, aulas expositivas, apresentação de trabalho, etc.

Por fim, foi realizado um momento de trocas com a coordenação e a equipe operacional, onde foram feitos os encaminhamentos, avaliação dos resultados, assim como as lições aprendidas, na busca por um melhor desempenho de ações posteriores, com as próximas turmas a serem formadas.

IV. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao iniciar o diálogo com a comunidade foi percebido singular interesse no projeto, e por esse motivo, houve limite de vagas em 30 alunos por turma. Posteriormente foram ampliadas para 33, o que era a capacidade máxima do laboratório de informática do IFPE *Campus* Palmares.

Se decidiu no primeiro momento que as duas ONGs seriam atendidas, pois estas tinham o perfil mais próximo ao que o projeto se propunha a atender, que é a inclusão digital para pessoas à margem da sociedade.

Dos 33 inscritos no curso, 15 possuíam vínculo com a uma Comunidade Terapêutica Nova Jericó, que é uma entidade social de cunho religioso e terapêutico, voltada ao acolhimento de usuários de psicoativos em estado de dependência, e que tem o objetivo de resgatar a espiritualidade dos usuários, mas sobretudo sua cidadania, dignidade humana e suas identidades de sujeitos atuantes na sociedade.

Os 18 restantes faziam parte da casa abrigo, denominada Casa Lar Heleninha, que tem como finalidade oferecer às crianças e adolescentes que se encontram em situação de rua, órfãos ou afastados da família por determinação judicial, alternativas de moradia, em caráter temporário, com a garantia do acolhimento afetivo e material adequados, além do atendimento às necessidades básicas de saúde, educação, lazer, alimentação, vestuário e acesso aos recursos comunitários. A casa abrigo busca trabalhar a recomposição dos vínculos familiares ou a criação de novos vínculos familiares com uma família substituta, conforme descrito na página da Ação Social Paróquia Palmares.

Conforme descrito no Gráfico 1, dos 33 inscritos no curso de informática básica, 25 participantes são do gênero masculino e 8 do gênero feminino. Essa maior participação dos homens se deu, principalmente, pelo fato de que a comunidade Terapêutica recebe em quase sua totalidade, membros do gênero masculino. Dessa forma, todas as 8 meninas vieram da casa de acolhimento.

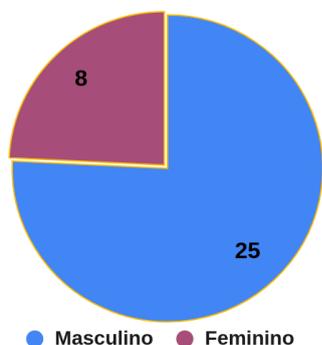


Gráfico 1 - Gênero dos participantes.

O curso contou com estudantes na faixa etária entre 15 e 54 anos, conforme descrito no Gráfico 2.

Houve maior concentração de estudantes entre as faixas etárias 15 a 20 anos, pelas vagas dedicadas a casa abrigo, ocupadas totalmente por jovens menores de 18 anos.

Já em relação à comunidade terapêutica houve maior concentração dos estudantes na faixa etária de 33 a 39 anos. Durante as aulas se percebeu maior engajamento e interesse pelos educandos maiores de idade. Dos 18 inscritos, menores de idade, 9 desistiram logo nas duas primeiras semanas, e apenas 5 chegaram a concluir o curso com sucesso. Se percebeu menor interesse nas aulas mais básicas

de informática, pelos mais jovens, por estarem familiarizados com uso frequente dos *smartphones*.

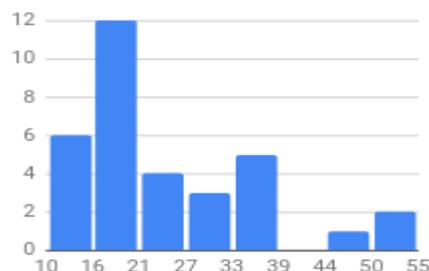


Gráfico 2 - Concentração das idades dos participantes.

Em conformidade com o conhecimento prévio e a utilização de computadores pelos estudantes, foi perguntado se eles possuíam acesso, ou prática com computador, para realizar alguma atividade, ou navegar na internet.

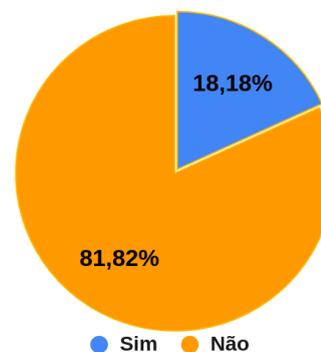


Gráfico 3 - Costume de utilizar o computador.

Consoante ao Gráfico 3 cerca de 18,18% dos inscritos afirmaram possuir acesso, e uso ao PC. Em relação a capacidade de uso, em explorar ferramentas, desenvolver atividades, realizar pesquisas, pagar contas, acesso a bancos, e plataformas digitais, 100% dos estudantes afirmaram sentirem dificuldades na utilização dos PCs.

Entre os inscritos, 2 relataram terem participado de um curso de informática, contudo há anos atrás, e visualizaram a necessidade de atualização.

Outros 2 estudantes demonstraram dificuldades escolares, percebidas no decorrer das aulas, e por este motivo, foi necessário empreender atenção maior a esses discentes, quando observadas as principais dificuldades, no reconhecimento das teclas e escrita de palavras.

Observou-se que tais critérios de escolarização estavam descritos, na elaboração do edital, e que ainda que especificasse idade igual, ou superior a 15 anos, e o fundamental como escolaridade mínima, trouxeram certos obstáculos à aprendizagem destes, contudo não os impediu na finalização do curso.

Uma vez que, a participação apenas em um curso de informática, não garante o completo domínio na utilização do computador, se faz necessário o aprimoramento e a reciclagem dos conhecimentos e habilidades digitais, tendo

em vista que, a informática é uma área de constantes mudanças.

A diversidade do público atendido, considerando as faixas etárias, bem como a falta de habilidades com a leitura e escrita, principalmente para 2 dos participantes que possuíam dificuldades pedagógicas, foram alguns dos desafios encontrados.

Dos 33 educandos, 17 concluíram o curso com sucesso e receberam seus certificados por e-mail e de forma impressa.

V. INFORMAÇÕES SOBRE O CURSO DE INFORMÁTICA BÁSICA

O projeto submetido foi dividido em 5 etapas, que se repetem a cada turma. São elas: 1) Escrita da chamada pública através de um edital, e com publicação em parceria com ONGs; 2) Análise das inscrições e seleção do público desejado, com enfoque na inclusão digital; 3) Elaboração, adaptação e atualização dos materiais, para sala de aula e distribuição aos participantes; 4) Ministração das aulas, duas vezes por semana, durante dois meses; 5) Realização das avaliações, e entrega dos certificados aos que obtiveram participação exitosa.

As aulas ocorreram duas vezes por semana, às quartas e quintas-feiras das 9h às 12h, do dia 05/04/2022 até o dia 01/06/2022.

O início das aulas se deu com uma apresentação básica do computador, e instruções necessárias para ligá-lo e desligá-lo. Também orientações acerca do uso do *mouse* e do teclado.

Os 20 minutos finais de cada aula eram reservados para a utilização e navegação na internet de forma livre.

As aulas objetivavam o ensino prático, onde o professor ensinava aos estudantes através de processos de imitação. Em seguida, cada discente fazia por conta própria, e concomitantemente com auxílio do professor e bolsistas, quando necessário.

Concordante ao material compilado, disponibilizado em apostila, e visto em sala de aula, se listou o conteúdo programático:

- Apresentação do PC (Diferença entre *Hardware* e *Software*, uso do *Mouse* e Teclado);
- Tela Inicial (Área de Trabalho, Barra de Tarefas e Janelas);
- Programas Acessórios (Bloco de anotações, Calculadora e editor de imagens);
- Gerenciamento de Arquivos (Operações com Pastas e Arquivos);
- *Internet* (Acesso ao navegador, Correio Eletrônico, Pesquisa no *google*, Redes Sociais e Segurança na *Internet*);
- Acessibilidade (Teclado Virtual, Lupa);
- Processadores de Texto (Tela Inicial de um Processador de Texto, Criação de documentos,

Arquivar um documento, adicionar elementos a um documento, etc);

- Planilha eletrônica (Preenchimento de planilhas, fórmulas e formatações);
- Apresentação (Criação de *slides* e inserção de elementos dinâmicos).

Durante o curso a turma foi motivada a interagir com o computador e com as ferramentas disponíveis na *internet* em tempo integral.

Dentro e fora ao horário da aula a turma foi incentivada a utilizar os recursos computacionais aprendidos, o que possibilitou uma melhor aplicação do conhecimento prático, com as ferramentas da nuvem, para enviar *e-mails*, escrever documentos, compartilhar esses documentos com outras pessoas, além de treinar o uso do teclado, utilizando sites de digitação *online*.

A observação no desempenho da turma foi realizada através de avaliações no formato de atividades, em caráter de fluxo contínuo, para que possíveis dificuldades e entraves fossem diagnosticados, e superados de maneira precoce, ainda no decorrer do curso.

Foram priorizadas as técnicas qualitativas de avaliação, tendo em vista a natureza do conteúdo abordado. Os certificados só foram entregues para os participantes que cumpriram no mínimo 75% da carga horária total, e que demonstraram avanços significativos no uso do computador e no acesso à internet.

VI. AVALIAÇÃO DO CURSO NA PERSPECTIVA DOS ESTUDANTES

A primeira turma do curso de extensão em informática básica foi concluída com sucesso, tendo sido formada por alunos trazidos em parceria com ONGs, da cidade de Palmares. Os estudantes tiveram a oportunidade de realizar o curso de forma gratuita, e se capacitarem nas habilidades e competências ensinadas para a inclusão digital com enfoque na cidadania. Além disso, foram entregues materiais didáticos físicos e digitais para serem utilizados sempre que possível.

Diante desse cenário, os relatos dos estudantes que chegaram até o fim do curso, foram a obtenção de novos conhecimentos, e contribuição na realização de atividades relacionadas aos estudos, assim como em suas profissões e na recolocação no mercado de trabalho, já que todos os participantes estavam desempregados.

Os discentes relataram que o curso possibilitou conhecimento singular, maior acesso a diversas ferramentas computacionais e à *internet*. Relataram que através do curso de informática básica entraram em contato com familiares distantes e acessaram serviços disponibilizados por instituições públicas e privadas na internet. Alguns deles relataram o uso do computador pela primeira vez. Outros disseram que até então, não possuíam conta de *e-mail*.

Todos os participantes estavam distantes dos seus familiares há meses, e ao usar o computador e a *internet*, perceberam que poderiam se atualizar das notícias da sua cidade natal, e

encontrar os amigos, através das redes sociais. Outros preferiram ouvir as suas músicas favoritas, ou assistir vídeos, sobre os mais diversos assuntos. Alguns aproveitavam para acessar o *e-mail* ou as redes sociais, mas a grande maioria gostava de acessar o *youtube* e assistir os vídeos de seu interesse. Um participante da comunidade terapêutica disse: “foi muito bom poder ter um tempo livre para usar o computador”.

Foi evidente o sentimento de gratidão pelos estudantes, durante a entrega dos certificados, além do entusiasmo pelo bom resultado alcançado por eles. Ao reconhecer sua própria inclusão no mundo digital, também conhecido como ciberespaço, os participantes parabenizaram e agradeceram os bolsistas e professores pelo comprometimento e apoio.

VII. CONCLUSÃO

A oferta de curso de informática básica por parte das instituições de ensino demonstrou ser um excelente mecanismo de inclusão digital e inclusão social, como forma de ensino que contribui com o acesso às tecnologias, principalmente pelos que estão à margem da sociedade. Essa afirmação foi constatada através do projeto de extensão submetido ao PIBEX 2021/2022 do IFPE, e que teve como objetivo promover capacitações que proporcionam inclusão digital aos analfabetos digitais da cidade de Palmares, e redondezas.

No decorrer das primeiras aulas foi se percebendo que alguns estudantes tinham mais dificuldades que outros, e que necessitavam de acompanhamento mais de perto. Sendo de fundamental importância as observações e orientações praticadas durante o desenvolvimento e superação dessas dificuldades.

Assim como, as avaliações contínuas que demonstraram ser excelentes ferramentas para acompanhamento e melhor desenvolvimento da turma, portanto, compreendeu-se a efetividade da metodologia adotada.

Entretanto, dos 33 inscritos, 17 concluíram, e estes obtiveram a aprovação. Se relatou expressivo valor aos conhecimentos adquiridos, bem como o impacto positivo alcançado por eles, e a aplicabilidade dos conteúdos aprendidos em suas rotinas.

Pôde se concluir que a oferta de cursos de informática básica, direcionada a pessoas a margem da sociedade, alcançou os objetivos definidos na submissão ao PIBEX, na medida que contribuiu com o aprendizado aos seus participantes, e com o desenvolvimento de habilidades no manuseio dos recursos tecnológicos, com foco no uso do computador e no acesso a internet.

Uma vez que a inclusão digital acontece quando o indivíduo acessa ferramentas digitais e tecnológicas, de forma significativa e de modo igualitário, encontra um sentido para esta utilização, e constrói conhecimento a partir dela; modifica a sua vida e amplia as possibilidades de comunicação e engajamento social, bem como amplia ofertas de trabalhos e gera a si mudanças socioeconômicas.

Por fim, ressalta-se a necessidade de manter ou até mesmo, ampliar ações dessa natureza, objetivando projetos e parcerias que visem a integração social por meio da inclusão digital.

VIII. AGRADECIMENTOS

Agradecimentos a toda a organização da Latinoware e Latin.Science e ao Instituto Federal de Pernambuco, em especial ao *Campus* Palmares e ao Programa Institucional de Bolsas de Extensão (PIBEX) do IFPE.

IX. REFERÊNCIAS

- [1] CHARTIER, Roger. Nossa sociedade está vendo nascer um novo modelo de analfabetismo: o digital. Nova Escola, ed. Abril Ano XXVIII, Nº 262. P. 30-31. Maio 2013.
- [2] CUNHA, Rafael; GURGEL, Rita. Práticas de Inclusão Digital na Educação de Jovens e Adultos: minicurso de Introdução à Informática. In: Anais do XXII Workshop de Informática na Escola. SBC, 2016. p. 417-426.
- [3] Palmares (PE). In: ENCICLOPÉDIA dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: IBGE, 1958. v.18.p.188-194. Disponível em: http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_18.pdf. Acesso em: 28 de julho de 2022.
- [4] IBGE, “Medidas de Subutilização da Força de Trabalho no Brasil”. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Trabalho_e_Rendimento/Pesquisa_Nacional_por_Amostra_de_Domicilios_continua/Trimestral/Novos_Indicadores_Sobre_a_Forca_de_Trabalho/pnadc_202101_trimestre_novos_indicadores.pdf. Acesso em 20 de novembro de 2021.
- [5] DAMBROS, Iasmini Bellaver. Desconectados e Desqualificados—Os Desafios da Capacitação Profissional EAD de Jovens em Vulnerabilidade Socioeconômica. *Illuminuras*, v. 19, n. 47, 2018.
- [6] CARDOSO, Cristiane Alves; FERREIRA, Valdivina Alves; BARBOSA, Fabiana Carla Gomes. (Des) igualdade de acesso à educação em tempos de pandemia: uma análise do acesso às tecnologias e das alternativas de ensino remoto. *Revista Com Censo: Estudos Educacionais do Distrito Federal*, v. 7, n. 3, p. 38-46, 2020.
- [7] MATOS, Jainer Diogo Vieira et al. Aprendizagem Significativa por meio do Uso de TICs: Levantamento das Produções da Área de Ensino de 2016 a 2018. *RENTE*, v. 17, n. 1, p. 466-475, 2019.
- [8] MOREIRA, Valdik Vieira. Enriquecimento curricular: inclusão digital para comunidade. 2019.
- [9] DE OLIVEIRA, Marcos Antonio; DE ARAÚJO PONTES, Verônica Maria. O letramento digital e o ensino remoto: a percepção dos estudantes sobre a aprendizagem. *Práticas Educativas, Memórias e Oralidades-Rev. Pemo*, v. 4, p. e47212-e47212, 2022.
- [10] DE MORAES, Fernando Dreissig.

- APONTAMENTOS SOBRE GOVERNO ELETRÔNICO E INCLUSÃO DIGITAL NO BRASIL. Revista Estudos de Planejamento, n. 12, 2018.
- [11] DURAN, Débora. Alfabetismo digital e desenvolvimento: das afirmações às interrogações. 2008. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- [12] Rico, Rosi, “Competência 5: Cultura digital”. Disponível em: <https://novaescola.org.br/bncc/conteudo/9/competencia-5-cultura-digital>. Acesso em 24 de outubro de 2022.